

# Número de pessoas nas classes A e B cresceu 2% em 2009

Segundo economista-chefe da FGV, Marcelo Neri, tendência para este ano é de crescimento e melhor distribuição de renda se comparado a 2009

SÃO PAULO

O conjunto das classes A e B foi o mais atingido pela crise econômica inicialmente, mas também foi o que mais cresceu no ano passado, terminando o ano 2% superior a dezembro de 2008, de acordo com o economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), Marcelo Neri. A classe C terminou o ano com redução de 0,4% ante dezembro de 2008. A classe D aumentou 1,4% e a classe E caiu 1,5% no período.

Neri vê tendência ao crescimento e melhor distribuição de

renda este ano. "Existe uma certa expectativa à expansão porque acho que os empresários superestimaram a crise antes", afirmou. Ele também argumentou que a base de 2009 é baixa, o que ajuda a ter resultados estatísticos melhores este ano. Além disso, lembrou que haverá eleições existe um ciclo político que nesse período faz a renda aumentar e a distribuição de renda melhorar.

Por outro lado, Neri considerou preocupante a perda de 415 mil empregos no Brasil em dezembro registrados pelo Cagedo

empregados (Caged) do Ministério do Trabalho e entende que isso deve ter tido efeitos negativos na renda em janeiro deste ano, assim como, comparou, a queda de emprego em dezembro de 2008 que fez a crise atingir em cheio os bolsos dos brasileiros em janeiro de 2009. "O começo do ano é mais delicado por causa da perda de emprego em dezembro", disse.

Em 2009, segundo o economista, a crise se deu em janeiro e, a partir daí, o ano mostrou recuperação. Em janeiro do ano passado, todas as classes de renda pioraram significativamente em relação a dezembro nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil. O conjunto das classes A e B caiu 2,7%. A classe C diminuiu 2,2% e as classes mais baixas aumentaram: a classe D subiu 3,0%

e a classe E, 6,7%. Os dados foram elaborados pela FGV com base na pesquisa mensal de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois de janeiro, porém, o ano foi de recuperação e terminou relativamente bem em relação a outros países.

"A crise no Brasil não foi *tsunami* nem *marolinha*, foi uma resaca pesada em janeiro com recomposição depois." Ele avalia que a crise econômica no Brasil já acabou, a não ser que haja um movimento de volta a uma nova crise, mas descarta esta hipótese.

De acordo com Neri, a crise representou uma parada súbita em um movimento muito positivo de redução da pobreza e aumento da classe média verificado entre 2003 e 2008.

PANORAMABRASIL